

## Mercado de trabalho e emprego na Zona da Mata de Pernambuco\*

Cláudia Satie Hamasaki \*\*  
Tereza Cristina W.C.Araújo \*\*\*

### Resumo

Este trabalho é resultado de um estudo de caso que buscou, em pesquisa realizada em oito municípios da região da Zona da Mata pernambucana, caracterizar o mercado de trabalho da economia da cana-de-açúcar. Foram realizadas entrevistas que revelaram o perfil dos trabalhadores ligados ao sistema canavieiro e as mudanças que vêm ocorrendo no emprego no setor. O objetivo foi o de avaliar as informações e de pensar propostas de ações no sentido de ampliar as perspectivas de trabalho de uma população exposta ao problema do desemprego e à pobreza, discutindo o que vem a ser o desenvolvimento baseado na sustentabilidade do sistema econômico, social e ambiental.

**Palavras-chave:** emprego – Zona da Mata pernambucana – setor sucroalcooleiro

### Abstract

This work results from a case study that intended to verify the characteristics of sugar cane labor market, in eight districts from Zona da Mata of Pernambuco. There were applied questionnaires interviewing works, which results revealed the characteristics of those who work with sugar cane and the changes in that sector's labor market. This article aimed to evaluate those information to discuss what could be done to make those workers better off, improving their chances of work to those who are not working, living with poverty, discussing what can be understood as a sustainable development.

**Key-words::** Employment – Zona da Mata Pernambucana – Sugar Cane Economy

## INTRODUÇÃO

A Zona da Mata nordestina compreende a área que se estende desde o estado de Rio Grande do Norte até o sul da Bahia, e sua delimitação é adotada em função das suas características edafoclimáticas, constituída pela porção litorânea, ocupando 8% (equivalente a 131.279 km<sup>2</sup>) do território da região Nordeste (SUDENE, 1996). Em toda a sua extensão, predomina a cultura da cana-de-açúcar dada a área cultivada, o valor e a importância de sua produção para a economia e para o mercado de trabalho da região, determinando os padrões de ocupação das terras e de organização social e econômica.

A atividade canavieira gera maiores impactos sobre a estrutura produtiva e sobre as relações de produção e trabalho da região, apresentando-se mais problemática dadas as dimensões dessa cultura. Este trabalho estará concentrado no estado de Pernambuco, dada a superfície ocupada pela cana-de-açúcar na área que compreende a Zona da Mata pernambucana.

---

\* Este texto faz parte dos trabalhos realizados pela pesquisa desenvolvida sob convênio entre Ministério do Trabalho e PIMES - Curso de Pós-graduação em Economia da UFPE, 1996. Artigo apresentado no Encontro da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, João Pessoa, maio de 1997.

\*\* Professora do Dep. de Economia-UNICAP. Doutoranda em Economia pelo Pimes - UFPE.

\*\*\* Socióloga e pesquisadora do DIEESE.

Na área de domínio da cana-de-açúcar, a estrutura fundiária se encontra bastante concentrada (áreas de propriedade de usinas e fornecedores de cana), com grandes extensões de terra. Do total de estabelecimentos (propriedades) da Zona da Mata pernambucana, cerca de 30% do total da área está concentrada no estrato de 500 a 1000 ha, representando apenas 1,3% do total de estabelecimentos. Desses, 29,5% são cultivados com cana-de-açúcar, que ocupa 32,2 % da área da propriedade.

<b>Zona da Mata do Nordeste</b>	
<b>% Área colhida (ha) da cultura da cana-de-açúcar, por Estado*, 1992.</b>	
<b>Estado</b>	<b>% área colhida</b>
RN	78,95
PB	78,77
PE	90,67
AL	92,37
SE	32,70
BA	81,01

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal, 1992.

\* Participação sobre os totais agregados dos município, dentro do sistema canavieiro.

A expansão da produção é realizada com o avanço da área plantada sobre terras antes ocupadas com pequenas unidades produtoras de outras culturas (em geral de produtos alimentares), que se desenvolviam em meio ao sistema canavieiro.

A eliminação cada vez maior desses pequenos sítios, que desenvolvem (tradicionalmente) culturas exploradas por trabalhadores da própria cana-de-açúcar, tende a levar a uma maior concentração. A cultura da cana-de-açúcar foi o impulso gerador de emprego e renda durante séculos. Mas as características estruturais dessa atividade - cultura intensiva em mão-de-obra não-qualificada, monocultora, apresentando uma safra por ano (sazonalidade), com produção em grandes extensões de terra - e a forma como vem realizando-se a sua expansão, apropriando-se do espaço antes ocupado por sítios rurais, retira grande parte do que havia de moradores-pequenos produtores que viviam nas áreas da cana.

Como efeito, tem-se que aqueles pequenos produtores passam à condição de, apenas, trabalhadores rurais assalariados, dependendo do emprego na área da cana, pressionando a oferta de mão-de-obra, dependendo exclusivamente do salário para a sobrevivência, expostos ao problema do desemprego, que se acentua com a redução da mão-de-obra, por conta da substituição do trabalho braçal pela mecanização, da sazonalidade inerente ao cultivo da cana-de-açúcar, e da crise por que passa o setor Sucroalcooleiro nordestino.

Apesar do desenvolvimento de novas e modernas atividades ligadas à agricultura nordestina, a Zona da Mata é ainda uma região que apresenta antigas estruturas de produção, resistentes às transformações (ARAÚJO, 1995), e se encontram problemáticas social e economicamente.

## O EMPREGO NA ZONA DA MATA CANAVIEIRA

A estimativa do emprego para a área onde domina o sistema da cana indica que existem 277 mil pessoas que dependem da cana-de-açúcar para sobreviver, com 80,9% desse total localizados nos estados de Pernambuco e Alagoas.

Segundo o Sindicato dos Produtores de Açúcar e do Alcool do Estado de Pernambuco - Sindaçúcar, atualmente, o corte da cana (período da safra) envolve cerca de 150 mil trabalhadores em Pernambuco, colhendo cerca de 350 mil hectares.

Há um intenso assalariamento do trabalhador rural, sob a forma de contratos de trabalho permanente (ao longo do ano, isto é, safra e entressafra) e de contratos temporários. Cerca de 18% da população rural do Nordeste, em 1991, estava empregada na cana-de-açúcar.

A característica de atividade monocultora acentua as flutuações das contratações e o emprego temporário. Do total de trabalhadores que dela dependem, cerca de 47% estão precariamente ocupados, ou seja, estão empregados temporariamente, com ocupação estável durante três a seis meses por ano, principalmente nos períodos de safra. Nessa época do ciclo produtivo, convergem para a atividade da cana os trabalhadores de regiões vizinhas e daquelas próximas às usinas e engenhos (ANDRADE, 1988; FERREIRA IRMÃO, 1996).

Ao final de cada período de safra, a economia açucareira desemprega um grande contingente de trabalhadores, intensificando o desemprego e o subemprego na região, deixando esses trabalhadores sem opção de trabalho.

Zona da Mata do Nordeste Sistema Canavieiro				
População	Nordeste (em mil)	% - NE	PE* e AL* (em mil)	% - Al e PE
Total em 1991 (A)	4653,5 (A)	-	3637,4 (D)	-
Rural em 1991 (B)	1544,4 (B)	33,2 (B/A)	1121,6 (E)	30,8 (E/D)
Ocupada na cana-de-açúcar (C)	277,0 (C)	17,9 (C/B)	224,1 (F)	20,0 (F/E)
				80,9 (F/C)

Fonte: IBGE- Censo Demográfico, 1991.

\* Exclui as capitais.

De acordo com informações produzidas pelo IPEA/Seplan, ainda em 1990, na área pernambucana da Zona da Mata, cerca de 49,2% do total das famílias estavam vivendo em situação de miséria, em que o alto índice de pobreza é associado às condições impostas pelo mercado de trabalho, tanto no que diz respeito às formas de absorção da população na atividade produtiva quanto em razão da baixa remuneração paga (cerca de R\$126,00/mês) e das condições de trabalho.

A economia sucroalcooleira vem passando por uma crise econômica e financeira, com dificuldades de natureza conjuntural, com redução do mercado consumidor dada a mudança na política dirigida ao setor, em razão dos juros elevados e dos preços que se encontram deprimidos. Mas principalmente de natureza estrutural, em que permanecem elevadas dívidas, agravadas com a conjuntura dos altos juros, baixa produtividade, baixa competitividade

em relação à produção no centro-sul (o custo de produção equivale a 1,5 vez a mais que o custo do centro-sul) e o baixo nível de inovação tecnológica.

Parte das dificuldades encontradas é devida à própria natureza da região, devido aos problemas edafoclimáticos e à topografia, que dificulta o processo de produção. À medida que a cana avança para áreas de topografia e qualidade do solo inadequadas ao seu cultivo, a consequência é a erosão do solo e baixos rendimentos obtidos na produção industrial.

Como consequências, estão a redução do nível de atividade e a redução do nível de emprego. O problema do desemprego não só se mantém como também são reforçadas as relações de trabalho sob as formas mais tradicionais, com presença do trabalhador temporário, além do subemprego (trabalhador clandestino, aquele sem carteira assinada) e da presença de trabalho infantil (menor de 16 anos), juntamente com baixos salários e jornadas elevadas para o trabalho no campo.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO**

Com base nos dados primários obtidos a partir da pesquisa de campo, realizada com aplicação de questionários em oito localidades na Zona da Mata pernambucana no segundo e terceiro trimestres de 1996, foram reunidas informações importantes do ponto de vista socioeconômico da região que abrange o sistema canavieiro em Pernambuco. As entrevistas foram realizadas com trabalhadores rurais (somente com atividades no campo, chamados de bóias-frias em outras regiões do país), empregados permanentes e temporários, e também com trabalhadores que se encontravam desempregados. Foram tomados os depoimentos de cabos (responsáveis pela "vigilância" dos trabalhadores no campo) e administradores de campo (cargo, na hierarquia, logo acima do cabo).

Além das entrevistas com pessoas nas frentes de trabalho no campo, umas foram realizadas com dirigentes dos sindicatos de trabalhadores rurais (STR's) de algumas localidades, que colocaram a situação do trabalhador rural da cultura da cana-de-açúcar nos estados em que atuam.

Nos municípios de Ipojuca e Ribeirão, na Mata Sul pernambucana e Itapissuma (Vila Botafogo) e São Lourenço da Mata (Vila Matriz da Luz), cerca de 45% dos entrevistados encontravam-se desempregados. Há ainda um número grande de trabalhadores com contrato temporário, cerca de 40% trabalhando na safra ou na entressafra. Nos períodos em que se encontram desempregados, não têm nenhuma atividade geradora de renda. Algumas usinas vêm adotando a prática de contratar trabalhadores por menos de um ano, provavelmente para evitar o ônus dos encargos, e recontratando-os logo em seguida. São trabalhadores que estão na empresa sob essa prática de contratação há mais de 3 anos.

Indicadores Sócio-Econômicos	
Espaço Indicador	Zona da Mata (%) *
Pessoas empregadas	72,15
Desempregados c/ atividade	8,68
Trabalhador rural	85,84
Trabalhador permanente	60,27
Trabalhador residente	31,51
Interesse em outra ativid.	89,04
Interesse em trabalhar fora da cana	89,04
Tem habilidade com outra atividade	42,01
Tem experiência com outra atividade	21,46
Trabalhadores sindicaliz.	72,15
Frequenta o Sindicato	55,25
Frequentou escola	52,51
Lê/Escreve	32,42
Estuda atualmente	7,31

\* Zona da Mata de Pernambuco

Em algumas áreas, aqueles que se encontram desempregados ficam sem qualquer alternativa de ocupação, tendo em vista a baixa atividade econômica. A exemplo da Vila Botafogo (o desemprego atingia 45% dos entrevistados), na região de Igarassu, aqueles que foram demitidos estão sem qualquer atividade remunerada, enquanto alguns sobrevivem da areia retirada de rio próximo, vendida a construtoras, mas já vêm apresentando esgotamento.

Cerca de 40% dos entrevistados têm alguma fração de terra para plantar, somente para subsistência. Desses, apenas 22% declararam que a terra era da família; 78% plantavam em terras pertencentes às usinas ou ao governo. Mas a maioria (os outros 60%) não tem outra fonte de proventos, mesmo para a subsistência, senão o trabalho assalariado. A situação mostra a vulnerabilidade do trabalhador rural ligado a uma atividade com as características da economia canavieira.

## PERFIL DA FORÇA DE TRABALHO

Entre os trabalhadores entrevistados, cerca de 30% tinham entre 18 e 25 anos de idade e 32% estavam na faixa etária de mais de 45 anos, 9% correspondiam a menores de idade. Quando perguntados sobre a idade com a qual começaram a trabalhar, 67% começaram com idade abaixo de 14 anos. Somente 11,5% começaram a partir de 18 anos.

As razões que levam o menor ao mercado de trabalho rural estão relacionadas à necessidade de aumentar a renda familiar, seja através do salário recebido, seja ao aumentar a produtividade dos pais. Apesar da pouca idade, a ele são incumbidas atividades árduas, como preparação do solo em terrenos acidentados e rochosos, adubação e colheita.

Os motivos alegados para a não frequência e/ou frequência descontínua à escola são os de que "saiu para trabalhar" ou "não tinha tempo". Segundo relatório do Centro Josué de Castro, os índices da *idade início na vida produtiva* concentram-se na faixa etária correspondente ao ciclo básico da escolarização; 63,77% começaram a trabalhar com menos de 14 anos; 23,91% tinham entre 14 e 17; e apenas 12,32% tinham mais de 17 anos quando ingressaram no mercado de trabalho. Essas informações vêm corroborar aquelas obtidas na pesquisa de campo.

A conseqüência dessa situação é a formação, no futuro, de um trabalhador de baixa qualificação, dada a escolha perversa que se tem que fazer entre escola e trabalho, restringindo as chances de ingressar em atividades urbanas, ou ainda rurais, que exijam maior especialização. Muitos depoimentos revelaram que a causa da não-formação escolar, a impossibilidade de freqüentar o sistema de educação, estava na necessidade de trabalhar e ajudar a família.

Os estudos realizados pelo Centro Josué de Castro, nos anos de 93 e 94, verificaram que o risco relativo de ser analfabeto, para as populações trabalhadoras rurais canavieiras, é 10,27% vezes maior, em comparação a trabalhadores de outros segmentos econômicos. Isso devido ao fato de estarem expostos ao risco relativo de, quando comparados a outros trabalhadores, abandono à escola 15 vezes maior para os que trabalham nos canaviais.

Esses estudos indicam que a inserção precoce no mercado de trabalho, aliada às precárias condições de vida, comprometem a escolarização e o aprendizado, sendo o analfabetismo, entre jovens e adultos que trabalham na lavoura canavieira, de 74,8% entre homens e 77,6% entre as mulheres. Tal situação compromete as possibilidades dessa população de se constituir como atores desejantes na promoção de mudanças.

## **QUALIFICAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA E PRESENÇA DE PROGRAMAS DE TREINAMENTO**

A maioria desses trabalhadores tem baixo nível de escolaridade, apresentando baixa qualificação da mão-de-obra, o que se apresenta como um obstáculo ao aproveitamento dessa mão-de-obra em atividades que exijam maiores habilidades ou absorção de informações. 48% dos entrevistados freqüentaram a escola em algum período a partir da idade escolar, mas somente 32% afirmaram saber ler e/ou escrever (o que implica um índice de analfabetismo de mais de 60%). Nenhum dos trabalhadores entrevistados recebeu, nem recebe, qualquer tipo de treinamento em nível de qualificação da mão-de-obra por parte das usinas.

Duas situações foram apresentadas: uma em que o trabalhador poderia estar freqüentando escola ou curso profissionalizante, mas, dada a distância campo-cidade, aquele fica impossibilitado de ir até ao local de ensino. Outra situação é aquela em que as escolas técnicas agrícolas (a exemplo do SENAR) e as escolas e os projetos de treinamento de mão-de-obra (não só industrial mas também de campo), dentro das próprias usinas, surtiriam efeito no aprimoramento dos trabalhadores, segundo depoimentos desses, aumentando as chances de ocupação em outras atividades, durante o período em que a cana-de-açúcar desemprega o trabalhador temporário.

Algumas usinas nos estados de Pernambuco e Alagoas declararam que desenvolvem programas de treinamento para trabalhadores em determinadas atividades, como motoristas, tratoristas e para aqueles que lidam com produtos químicos (adubos, herbicidas, pesticidas). Experiência foi encontrada em uma usina, em Carpina/Lagoa de Itaenga (PE), segundo depoimento do gerente de campo entrevistado na pesquisa.

Condições Sociais	
Zona da Mata - Sistema Sucroalcooleiro	
Analfabetismo (%)	
Zona da Mata	60,0
Zona da Mata/Área de domínio canavieiro / PE	70,0
Média de Pernambuco	49,5
Média do Brasil	35,1
<b>Área da pesquisa</b>	<b>67,6</b>
Idade com que começou a trabalhar: <14 anos	63,8
Frequentou a escola	53,0
Lê/Escreve	32,4

Fonte: CJC, Seplan.

Em uma usina do estado de Alagoas, vem sendo desenvolvido um programa de acompanhamento da performance dos trabalhadores, com controle de qualidade do corte da cana-de-açúcar e, também, com mudanças no processo gerencial de recursos humanos (com seleção e recrutamento baseados em determinadas características do trabalhador - estado civil, faixa etária, frequência ao trabalho) que estão levando a uma maior produtividade da mão-de-obra no campo.

Outros programas implementados, segundo as empresas mais produtivas naqueles dois estados, são os de distribuição, alimentação e complementação alimentar, garrafas térmicas para transporte de água potável, além de equipamentos de segurança (botas, caneleiras, luvas).

## O PAPEL DOS SINDICATOS

Grandes mobilizações ocorrem durante as campanhas salariais dos trabalhadores canavieiros da região, e a categoria tem conseguido fechar acordos razoavelmente vantajosos. Mas, passando o "pique" da safra, o contingente de trabalhadores é reduzido em mais de 50%. Cai o nível de mobilização e fiscalização, favorecendo o descumprimento dos acordos, e o trabalhador passa a ter seu ganho diminuído, através do superdimensionamento da tarefa e/ou subdimensionamento da produção.

No que diz respeito à presença e atuação dos sindicatos de trabalhadores rurais, algumas usinas estão deixando de contratar trabalhadores da região, ou mesmo do estado, por conta do vínculo desses com sindicatos considerados combatentes e atuantes. É o caso da região em que atua o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Igarassu. Nessa área, a conduta adotada pelas usinas é de contratar trabalhadores nos estados vizinhos (principalmente Paraíba, por se tratar da Mata Norte), ou de regiões em que o sindicato não se coloca de forma tão presente.

Alguns sindicatos alertam para as mudanças na estrutura do emprego, onde a tendência seria a diminuição drástica dos contratos permanentes e adoção maciça dos contratos temporários; uso de critérios de contratação por idade, produtividade, pouca ou nenhuma relação com sindicato. Assim sendo, seria privilegiada a contratação de trabalhadores de fora do município, e até mesmo do estado. Esses ficam alojados em galpões. Dessa forma, esclarecem os STR's, os trabalhadores ficam à margem da estrutura sindical, pois não podem filiar-se ao sindicato no local, e seu sindicato de origem não tem como fazer o contato.

O movimento sindical tinha, tradicionalmente, sua organização baseada no trabalhador residente, no “fichado”, no permanente. Esse movimento sindical hoje, segundo a FETAPE, “não tem mais de 5% da mão-de-obra permanente dentro dele, [...] porque o pessoal agora tá na ponta da rua, são trabalhadores temporários e são também clandestinos”.

Os dados da pesquisa reforçam a presença e o papel dos STR's com relação aos trabalhadores rurais ligados à atividade da cana-de-açúcar, revelando que 85% são filiados aos STR's, e ainda que 60% freqüentam o sindicato e que, dos que freqüentam o sindicato, 45,86% participam das campanhas salariais e de todas as demais atividades promovidas; 13,53% para encaminhar reclamações trabalhistas; 21,80% em busca de assistência médica e/ou odontológica; 12,78% em situações diversas e esporádicas; e 6,01% não responderam. Observamos ainda que 13,80% dos que freqüentam o sindicato o fazem mesmo sem ser filiados.

No momento da entressafra, ocasião em que se colheram os dados da pesquisa, foram registrados depoimentos e histórias adicionais ao questionário. Através dessas “notas”, foi possível avaliar a dimensão do impacto do que ocorre com população de trabalhadores na Zona da Mata.

Os depoimentos dos trabalhadores (permanentes) entrevistados fazem transparecer a forma como as empresas respondem à presença e interferência dos sindicatos, através de uma “política” de não estimular a produção dos trabalhadores fixos residentes, pois esses não têm acesso às premiações (por exemplo, cestas básicas) nem às “vantagens” (por exemplo, melhores terrenos), o que só é oferecido aos contratados temporários, de maior produtividade, vindos de outros municípios.

Alguns trabalhadores, com maior tempo de serviço e de filiação a sindicato, estão sendo demitidos e substituídos por trabalhadores mais jovens. A justificativa, segundo os trabalhadores entrevistados, é que os mais “antigos” resistem a determinadas jornadas de trabalho (tanto a uma tarefa maior quanto a uma jornada maior), além de apresentarem uma produtividade menor (recusam-se a fazer mais de uma tarefa devido às condições de trabalho oferecidas).

## **A TECNOLOGIA**

A expansão das plantações em algumas usinas está expulsando pequenos sítios que ainda existem em suas áreas e em que residem trabalhadores, sem gerar, por outro lado, alternativas para a mão-de-obra que fica com o problema da falta de moradia, além de perder o recurso da plantação de subsistência (que, em alguns casos, onde há excedente, complementa a renda familiar). Alguns pesquisadores chamam a cana plantada sob essas circunstâncias de “cana morta” (cerca de 150 mil ha), tendo em vista o baixo teor de sacarose e a baixa produtividade industrial. Aproximadamente, 35% dos entrevistados eram trabalhadores residentes.

A colheita e o plantio ainda são as atividades que mais empregam mão-de-obra na cultura da cana-de-açúcar, na qual a mecanização é vista como inovação desastrosa e destruidora para os trabalhadores, que ficariam sem alternativa de ocupação. Em visita a uma

destilaria na Paraíba, a administração da área de campo declarou que a colheita ainda é 100% realizada manualmente, apesar de apresentar uma topografia que permitiria o uso da mecanização. A justificativa foi baseada no "papel social" desempenhado pela destilaria dentro daquela região, com relação à geração de empregos.

A consequência imediata da modernização, com a crescente utilização da mecanização das tarefas e do uso de defensivos químicos e herbicidas, é a redução do emprego, com um número cada vez menor de trabalhadores empregados. Passa a ter maior importância a presença de trabalhadores com maior qualificação e conhecimento técnico, como tratoristas, motoristas e operadores de máquinas agrícolas. Os trabalhadores de menor qualificação (os cortadores de cana) passam a realizar tarefas mais "duras", como a colheita em áreas nas quais a topologia impede o uso da máquina de forma mais produtiva, ou onde o solo necessita de tratamento antes do plantio.

Com relação ao uso da química, menos trabalhadores são absorvidos nas atividades de trato e limpeza das plantações, porque a química se incumbem de reduzir a necessidade dessas tarefas, reduzindo o surgimento das "ervas daninhas", das pragas.

Uma consequência indireta é a fragilização do movimento sindical e suas mobilizações, uma vez que o contingente de trabalhadores desempregados fortalece o poder de barganha dos empresários, que têm crescente possibilidade de substituir homens por máquinas. Outra é a seleção que as empresas podem fazer, em que é considerada a qualificação técnica do trabalhador, com relação à sua "polivalência", à sua destreza e produtividade, além de considerarem outras características como a "obediência" com relação às determinações da empresa, menor postura de questionamentos às regras impostas, atuação sindical ou não, ausências no trabalho. Algumas usinas estão usando a informática para registrar e controlar o índice de ausência e o desempenho (em termos de produtividade) de seus trabalhadores.

## CONCLUSÕES

A Zona da Mata apresenta um quadro preocupante do ponto de vista do mercado de trabalho, com quadro de desemprego, uma vez que existe um grande contingente de mão-de-obra dependente ainda da atividade canavieira, sem qualquer qualificação para outras atividades, além do agravante que é o baixo dinamismo econômico das regiões em que se concentram as usinas de açúcar e álcool. 86% dos entrevistados se enquadram nesse mercado de trabalho, sendo que 58% não apresentavam qualquer outra habilidade a não ser dentro da atividade agrícola.

O baixo nível de escolaridade dificulta o aproveitamento desses trabalhadores com baixo ou nenhum nível de especialização e qualificação, na sua maioria com conhecimento apenas em atividades ligadas à agricultura, basicamente com o cultivo da cana-de-açúcar e de produtos agrícolas em geral. A experiência que alguns apresentam com atividades urbanas está relacionada com o setor da construção civil ou de serviços pesados.

O trabalho buscou subsídios (informações sobre a concentração fundiária, concentração de renda, nível de emprego/desemprego, capacitação da mão-de-obra, nível salarial) para avaliar se a atual estrutura produtiva (pensando em terra e trabalho como os principais fatores de produção) é compatível com os objetivos de bem-estar econômico e social, e de desenvolvimento econômico regional.

Ao se utilizarem dados secundários, tem-se uma base de comparação para os dados da pesquisa, em que o déficit social da região é superior às médias nacionais e do Estado, como estabelecem as informações seguintes:

- a) a taxa de analfabetismo é superior a 60% , para 49,5% do Estado e 35,1% no Brasil.
- b) a esperança de vida é de 46 anos, representando 14,1 anos a menos que a média brasileira;
- c) mortalidade infantil de 138 para cada 1.000 nascidos vivos, que não chegam a completar 05 anos; 124 no Estado e 87,9 na média brasileira;
- d) 49% das famílias são indigentes;
- e) 25% da mão-de-obra utilizada no corte da cana é formada por crianças e adolescentes com idades entre 07 e 17 anos.

Baseadas na análise dos dados, as conclusões levam à necessidade de se elaborarem propostas de políticas desenvolvidas com o objetivo de transformar, reestruturar as atividades econômicas da região, de forma que os recursos produtivos sejam alocados de forma mais eficiente. Sejam elas atividades rurais ou urbanas.

## **QUAIS AS PERSPECTIVAS QUE SE COLOCAM**

Uma possível alternativa para as questões da Zona da Mata açucareira é a reformulação da sua economia, buscando não só reestruturar a própria atividade canavieira, tornando-a mais competitiva e explorando o mercado de subprodutos, além da introdução de novas atividades. Busca-se, assim, redinamizar essa sub-região, com aproveitamento de diferentes oportunidades de cultivos dadas as condições de solo, clima, relevo e mercado, com a combinação de atividades integradas, gerando novas formas de aproveitamento da mão-de-obra, com efeitos sobre outras áreas e setores da economia da região.

A alternativa que envolve a agroindústria teria a função de levar o progresso tecnológico para os produtores de baixa escala, aos pequenos produtores, tornando-os ofertantes de insumos, além de gerar emprego e renda nas atividades interligadas ao complexo agroindustrial. As inter-relações, que daí surgem para atender a uma demanda que se diversifica, elevam os níveis de produção e produtividade das atividades urbanas e rurais envolvidas, permitindo a abertura de outros postos de trabalho, dinamizando a atividade econômica da região (SCHEJTMAN, 94). Na região de Igarassu, o sindicato apresentou relato de assentamento de trabalhadores rurais bem sucedido, em que lidam com a plantação de amendoim e algodão, com apoio técnico de institutos de pesquisa agrícola, responsáveis pelo fornecimento de sementes, com o apoio de organizações que tratam da comercialização da produção.

Há uma crescente preocupação com o que se coloca como Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata no Nordeste. Para tanto, é preciso pensar a área da Zona da Mata como um *ecossistema*, da mesma forma que os núcleos urbanos o são também. Sendo assim, torna-se necessário pensar em três questões que se colocam: promoção (geração) de emprego e dinamização econômica, melhor utilização dos recursos naturais e oferta de serviços sociais. Significa obter equilíbrio em nível econômico, social e ambiental. O desequilíbrio em qualquer um desses níveis compromete a sustentabilidade do desenvolvimento da região.

O processo de "desruralização" é um fenômeno que vem avançando bastante. Nas áreas de domínio canavieiro da Zona da Mata, a população rural representava mais de 50% em 1970, passando para um número superior a 35% em 1991. A "desruralização" surge como consequência das transformações ocorridas na economia da cana-de-açúcar, das mudanças das relações de trabalho e da forma como vem ocorrendo a expansão da área cultivada. O avanço sobre áreas antes ocupadas pelos moradores e/ou trabalhadores residentes nos pequenos sítios implicou a transferência de parte dessa população para as áreas periféricas dos centros urbanos.

Apesar da crescente urbanização da região, a saída do campo para a cidade não implica que aqueles estejam sendo "urbanizados", o que significaria ocupação e emprego garantidos, moradia dentro de condições aceitáveis de saneamento básico, saúde e educação. É alarmante o conjunto de impressões sobre as condições de moradia obtidas durante a pesquisa de campo, pois os pequenos núcleos urbanos apresentaram casas sem sistema de saneamento básico, tipo de construção com muitas ligações de esgoto a céu aberto, com condições de higiene precárias.

A baixa qualificação daquele que sai do campo, a inexperiência com qualquer outra atividade que não a rural, somadas ao baixo potencial de geração de novas atividades absorvedoras de mão-de-obra no meio rural e urbano, expõem essas pessoas ao subemprego e às condições de miséria.

Segundo alguns pesquisadores, o custo da geração de empregos rurais é menor do que a geração de empregos urbanos. Em que pese o papel do "campo" no processo de desenvolvimento, a diversificação produtiva interna à própria agroindústria sucroalcooleira, com aproveitamento de seus subprodutos e a diversificação a partir do desenvolvimento de outras culturas gerariam um efeito multiplicador da renda (potencial) dos trabalhadores na agricultura sobre a demanda por serviços e produtos industriais, dinamizando as economias locais. Esse processo viabilizaria, assim, a instalação de outras unidades produtivas (fabris), gerando emprego e renda.

Dessa forma, está-se pensando na relação cidade-campo e não mais na relação antagônica (ou dicotômica) cidade-campo. O problema passa pela situação econômica da Zona da Mata e pelo que tem sido exaustivamente chamado pela imprensa de "crise do setor sucroalcooleiro". A sua base sustentada na produção ligada à cana-de-açúcar, a forma como se realiza a sua expansão, o desemprego que vem sendo gerado dificultam o acesso à terra pelas faixas de renda mais baixas. Como consequência desse panorama, está o deslocamento dessa população sem perspectivas (pelo menos num futuro imediato), antes residen-

tes no meio rural em meio à cana, para as áreas urbanas, o que acaba “engrossando” os chamados “bolsões de miséria”, aumentando o grau de exclusão social. É atingida também a própria dinâmica dos pequenos centros urbanos, que têm como atividade principal a comercialização de pequenos gêneros.

A partir desse “mapeamento” da Zona da Mata, há, até o presente momento, uma grande distância a percorrer em direção ao desenvolvimento sustentável da Zona da Mata, que se encontra ora inviabilizado por conta da presença de desequilíbrios nos âmbitos econômico, social e ambiental.

A modernização é considerada como processo inevitável sob o ponto de vista econômico, em busca da maior produtividade, da melhoria das técnicas produtivas, com o uso racional dos fatores de produção, buscando a maximização da utilidade e dos lucros, maior produtividade e competitividade. Acompanham esse processo as suas conseqüências, dada a forma como a produção está estruturada, como se estabelecem as relações de produção. O desemprego e seus efeitos surgem como variável perversa à sobrevivência e à reprodução do próprio sistema.

A expectativa é a de que, com um aumento da produtividade devido à crescente introdução de tecnologia, o resultado seja a redução da área cultivada com cana-de-açúcar, liberando área disponível para outras atividades, com conseqüente aumento do emprego na agricultura, permitindo a reinserção daqueles trabalhadores na atividade produtiva. Dessa forma, estaria conformando-se um cenário em que a saída para o problema do desemprego está na geração de postos de trabalho dentro da agricultura, uma vez que os setores secundário e terciário encontram-se saturados, principalmente para aqueles sem qualificação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel B.; Soares, Francisco de A.. Nordeste versus Brasil: desempenho econômico-social. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 25, n. 4, out./dez. 1994.

ANDRADE, Manuel C. D. **Área do Sistema Canavieiro**. Recife: SUDENE, 1988. (Série Estudos Regionais, n. 18).

ARAÚJO, Tânia B. Nordeste, Nordestes: que Nordeste? In: AFFONSO, Rui B. A.; SILVA, Pedro L. B. (Org.). **Desigualdades Regionais e Desenvolvimento**. São Paulo: Fundap/UNESP, 1995.

EISENBERG, P. L. Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco – 1840-1910. **Paz e Terra**, Rio de Janeiro, 1977.

Ferreira Irmão, J. *Os sistemas de Produção da Zona da Mata do Nordeste e a Crise do Setor Sucroalcooleiro*. Mimeo. Pimes, Recife, 1996.

GALVÃO, O. J. de A. Aspectos do Desenvolvimento do Nordeste: das suas elites agrárias e da sua integração tardia na economia nacional. **Ciência e Trópico**, v. 21, n.2, Recife, jul./dez. 1993.

GTDN. Uma Política de Desenvolvimento para o Nordeste. In: ARAÚJO, Tânia B. et. al. (Org.) **O GTDN: da proposta à realidade: ensaios sobre a questão regional**. Recife: Ipespe: Editora Universitária da UFPE, 1994.

GUIMARÃES NETO, Leonardo. Zona da Mata: soluções adiadas. In: ARAÚJO, Tânia B. et al. (Org.). **O GTDN: da Proposta à realidade: ensaios sobre a questão regional**. Recife: Ipespe: Ed. Universitária da UFPE, 1994.

———. Desigualdades Regionais e Federalismo. In: AFFONSO, Rui B.A.; SILVA, Pedro L. B. (Org.). **Desigualdades Regionais e Desenvolvimento**. São Paulo: Fundap/UNESP, 1995.

SETOR Sucroalcooleiro. **Jornal do Comércio**; Recife, 03 mar. 1996. Economia.

LIMA, João Policarpo R.; SILVA, Gerson V. Alternativas de Diversificação Produtiva da Zona da Mata - PE: texto para discussão. Recife: Pimes/UFPE, [19\_\_].

———. A Economia canavieira de Pernambuco e a reestruturação necessária. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 26, n. 2, abr./jun. 1995.

LIMA, João Policarpo R. Nordeste: as fontes de dinamismo segundo o GTDN e as potencialidades atuais. In: BACELAR, Tânia et. al. (Org.) **O GTDN: da proposta à realidade: ensaios sobre a questão regional**. Recife: Ipespe, Ed. Universitária da UFPE, 1994.

———. O Estado e a Agroindústria canavieira no Nordeste: a acumulação administrada. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 19, n. 4, out./dez. 1988.

THE GLOBAL. restructuring of Agro-Food Systems. Londres: Cornell University Press, 1994.

MELO, Mário Lacerda de. **O Açúcar e o Homem: Problemas sociais e econômicos do nordeste canavieiro**. Recife: MEC: Instituto Joaquim Nabuco, 1975.

SCHEJTMAN, Alexander. **Agroindustria y pequeña agricultura: alcances conceptuales para una política de estímulo a su articulación**. Lima: Mimeo: Cepal: FAO, 1995.

SUDENE. **Programa de Ação para o Desenvolvimento da Zona da Mata do Nordeste**. Recife: mimeo, 1996.